



## Conceptualização, cenários metafóricos e interculturalidade na análise sociocognitiva e crítica de fenômenos políticos e sociais

Tânia Gastão Saliés e Augusto Soares da Silva  
entrevistam Andreas Musolff.

Para esta edição da *Matraga* 59, tivemos o prazer de entrevistar o professor ANDREAS MUSOLFF, renomado pesquisador e professor de Comunicação Intercultural da Universidade de East Anglia, no Reino Unido. Ele é considerado um dos primeiros estudiosos a pesquisar os processos de comunicação à luz de um paradigma sociocultural, discursivo e cognitivo. Nessa empreitada, Musolff promoveu a sinergia entre a Análise Crítica de Discurso (ACD) e a Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), argumentando em prol das raízes culturais da metáfora e da cognição social. Os desdobramentos e ramificações de sua pesquisa encontram-se representados em vários dos artigos deste número da *Matraga*, comprovando sua produtividade e relevância para os estudos na área.

Na sua história profissional, Musolff já atuou nas universidades de Düsseldorf e Londres e foi pesquisador visitante no Truman Institute, na Hebrew University em Jerusalém, e na Queen Mary University em Londres. Com interesses intelectuais abrangentes, ele tem demonstrado um talento especial para aplicar conceitos da Linguística Cognitiva a outros campos de conhecimento, incluindo as Ciências Políticas, a Comunicação Intercultural, a Filosofia, a Semântica Histórica, a Psicolinguística, a Sociolinguística, a Antropologia Linguística, a Pragmática e a Linguística Aplicada. Seus trabalhos mais recentes exploram as metáforas em competição no contexto da COVID-19 (2022), a metáfora no discurso político em contextos interculturais (2021), linguagem e racismo (2019) e provérbios na comunicação cotidiana (2020).

O Professor Musolff gentilmente aceitou nosso convite para esta entrevista. Suas palavras certamente inspirarão reflexão crítica e agendas de pesquisa que inscrevam o paradigma discursivo-cognitivo-sociocultural no entendimento de temáticas da contemporaneidade.



**Revista Matraga | Como uma das figuras da virada discursiva e sociocultural na Linguística Cognitiva, o senhor publicou extensivamente sobre uma variedade de tópicos, dentre eles a natureza e a função da metáfora no discurso, a compatibilidade da Teoria da Relevância<sup>1</sup> com a Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), os efeitos socio-pragmáticos do uso da linguagem figurada, metáforas políticas em contextos interculturais e a relação entre a metáfora e as emoções. Dada a abrangência de suas publicações, ficamos curiosos para saber como o senhor acabou enveredando pela Linguística Cognitiva e por que essa abordagem lhe interessou?**

**A. M.:** Li *Metáforas do Cotidiano* durante a minha graduação e fiquei fascinado pela profundidade da teoria e seu brilhantismo estilístico. Comparado ao modelo, ainda na moda, à época – a reconstrução da metáfora como um ato de fala indireto – a abordagem experiencial, fincada nas experiências corpóreas, parecia muito mais plausível, enquanto modelo, para explicar os processos inferenciais sistemáticos acionados pelas metáforas. O principal quebra-cabeça da Teoria da Metáfora Conceptual era (e ainda é), para mim, a história das “correspondências” metafóricas<sup>2</sup>, que sugerem uma relação lógico-dedutiva que é, no meu entender, rígida demais para dar conta das implicaturas metafóricas.

**Revista Matraga | Como a Teoria da Metáfora Conceptual e a mesclagem se encaixaram no contexto linguístico maior do qual o senhor também faz parte, especialmente a Comunicação Intercultural?**

**A. M.:** A Teoria da Integração Conceptual e da mesclagem prestam-se bem à análise da linguagem figurada que envolve espaços de entrada múltiplos, aparentemente contraditórios e contrafactuais. Essas mesclagens são típicas da Comunicação Intercultural, especialmente no que tange ao uso de expressões idiomáticas e suas variações em contextos interculturais e línguas diferentes. Em geral, a pesquisa em Comunicação Intercultural mostra que a premissa da “universalidade” das estruturas linguísticas, incluindo as metáforas conceptuais, é sempre sem fundamento, e que fatores culturais específicos precisam ser levados em consideração como os seus motivadores.

**Revista Matraga | Em um dos seus artigos (MUSOLFF, 2021a; 2021b), o senhor menciona que as metáforas formam agrupamentos de noções ou tendências políticas que dão origem a “efeitos de mesclagem complexos”. Será que o senhor poderia desenvolver a ideia e explicar como ela contribuiu para a análise de discurso?**

**A. M.:** No discurso político, toda sorte de mesclagem logicamente implausível torna-se possível, por exemplo, a conceptualização da moeda comum europeia (“euro”) como uma *criança*

<sup>1</sup> Trata-se de uma abordagem pragmático-cognitiva que defende serem as expectativas de relevância geradas por um enunciado precisas e previsíveis o suficiente para guiar o ouvinte ou o leitor na direção do significado, com baixo custo de processamento e alta maximização dos efeitos cognitivos (SPERBER; WILSON, 1995).

<sup>2</sup> Nos mapeamentos metafóricos, uma correspondência metafórica equivale a qualquer inferência acionada no *frame* do domínio-alvo, dadas as condições e limitações impostas ao *frame* no domínio-fonte; em outras palavras, qualquer inferência que fuja do entendimento da metáfora como um todo, dadas as limitações impostas aos *frames*.

com onze pais, ou da nação como um corpo (vivo!) sem cabeça (mesmo depois que o chefe de Estado ou Governo é deposto ou executado). Esses cenários contrafactuais não invalidam a metáfora conceptual subjacente nem se restringem pelas estruturas do domínio-fonte. O contexto pragmático, como prevê a Teoria da Relevância, proporciona pistas suficientes para que os falantes cheguem às inferências cabíveis.

**Revista Matruga | Voltando a mesma pergunta, o senhor então concordaria que os teóricos da metáfora “precisam ir além do foco costumeiro nos mapeamentos entre domínios e as inferências geradas”, como dito por Turner e Fauconnier (2008) em um dos artigos publicados pelos autores?**

**A. M.:** Concordo completamente. A compreensão da metáfora vai muito além do suposto mapeamento conceptual e transferência ‘automáticos’.

**Revista Matruga | Agora, falando um pouco sobre variação intercultural: recentemente, o senhor também publicou um trabalho sobre a metáfora em contextos culturais diversos (MUSOLFF, 2021b). Com base nos seus achados, o que o senhor diria sobre a conceptualização humana?**

**A. M.:** Minha motivação para fazer esse projeto de pesquisa nasceu quando percebi haver variação subliminar na compreensão das metáforas em culturas diferentes. Algumas vezes, o que conta como metáfora em uma cultura é entendido literalmente em outras. Mesmo uma metáfora aparentemente estabelecida no mundo global, como NAÇÃO É UM CORPO, é interpretada diferentemente em contextos culturais diversos, isto é, o Estado pode ser interpretado como uma hierarquia anatômica, como fronteiras corpóreas e contornos de nações, como parte do corpo do *self* (por exemplo, em *minha nação é o sangue em minhas veias*) ou como parte de um corpo maior. Esses padrões de interpretação são representados de modos distintos em culturas e línguas diversas. Esses achados atestam a criatividade da cognição humana, que não trabalha ativamente apenas na produção linguística, mas também na compreensão do processo da comunicação.

**Revista Matruga | Um dos construtos-chave introduzido nesse mesmo artigo é o de “cenário metafórico”. Como uma ferramenta analítica, quais seriam suas maiores vantagens e como ele se compararia ao conceito de “contexto” e à relação com a “comunidade de discurso”, conforme introduzidos por Dell Hymes (1972)? O senhor pode exemplificar?**

**A. M.:** A categoria “cenário metafórico” nasceu para capturar os padrões narrativo-argumentativos de conceitos no domínio-fonte que podem ser observados em grandes *corpora* de linguagem política focadas em determinados tópicos. Nesses casos, os conceitos fonte não apenas formam seleções altamente específicas do domínio de origem, mas também se combinam para contar mini-histórias. Assim, as metáforas de *família* nos debates sobre a política europeia na Grã-Bretanha agruparam-se em cenários de *casamento* e *divórcio* e relações entre *pais* e *filhos*, e as metáforas de corpo, para estado-nação, agruparam-se em narrativas que justificam a tradicio-

nal relação hierárquica do sistema anatômico ('da cabeça aos pés') ou enfocam a sua interdependência ('a cabeça precisa dos pés') como essencial para a existência e saúde do corpo. Todos esses padrões recorrentes têm uma tendência argumentativa *default* (em favor da harmonia familiar, da saúde corporal etc.) e não são idênticos aos domínios fontes maiores, nem aos *frames* de cada conceito desse domínio individualmente. Ao invés disso, eles constroem "contextos" projetados por meio dos proferimentos de membros de comunidades de discurso específicas – e dependem, para serem compreendidos, da cultura dessas comunidades, como já disse antes.

**Revista Matraca | Voltando ainda à noção de "cenário", como ela ilumina a controvérsia entre os domínios fonte e alvo? Permita-nos contextualizar um pouco a pergunta. Em um de seus últimos artigos (MUSOLFF, 2022), o senhor defende que, de acordo com a TMC, na metáfora PANDEMIA É GUERRA, comumente usada durante a crise da COVID-19, assunções atribuídas à guerra seriam mapeadas no domínio-alvo de POLÍTICAS DE SAÚDE, designado para mitigar e/ou superar o contágio em massa" (p.78). De acordo com o senhor, isso tem o potencial de gerar efeitos de *framing* que podem enganar o público e gerar consequências contraproduzidas. O senhor diria então que as metáforas impõem uma estrutura ao domínio-alvo? Não haveria uma estrutura para POLÍTICAS DE SAÚDE, independente do domínio-fonte guerra, capaz de bloquear esses efeitos de *framing*?**

**A. M.:** Tipicamente, os domínios-alvo são relativamente abstratos, mal definidos e algumas vezes (no discurso político, por exemplo) contestados, e, portanto, requerem um *framing* metafórico. No nível puramente conceptual da categorização, esse *framing* é proporcionado 'em termos' do domínio-fonte e suas unidades lexicais mais ou menos prototípicas (e as relações semânticas entre elas), e são elas as responsáveis por grande parte das metáforas lexicalizadas e convencionais que podemos encontrar nos dicionários e nos usos rotineiros da língua que não são processados conscientemente como figurativos (por exemplo, TEMPO É ESPAÇO nas línguas europeias). Por contraste, cenários são agrupamentos de *frames*, baseados no discurso e motivados pragmaticamente. Eles formam mininarrativas com tendências avaliativas que servem à argumentação ou a contar uma mini-história. O conhecimento desses cenários é específico de cada cultura: permite aos interlocutores reconhecer cenários familiares rapidamente e perceber inovações proeminentes.

**Revista Matraca | Recentemente, o senhor coeditou um livro sobre a comunicação durante a COVID-19 e as estratégias de saúde pública (MUSOLFF et al., 2022). Como a abordagem da metáfora e da metonímia na Linguística Cognitiva permite a compreensão de uma vasta gama de fenômenos, tais como Saúde Pública?**

**A. M.:** O volume *Pandemic and Crisis Discourse* [A pandemia e o discurso de crise] organizado por Ruth Breeze, Kayo Kondo, Sara Vila-Lluch e eu, consiste em 27 capítulos, dez dos quais tratam da linguagem figurada que vão das metáforas de guerra, gênero e futebol às de vírus-por-nação, metonímia implícita na infame calúnia proferida pelo Trump ao se referir ao "vírus da China". Quando conjugada à Análise Crítica de Discurso, à Teoria da Relevância e à Estilística, a Linguística Cognitiva pode elucidar uma vasta gama de temas, como a nomeação de doenças, a

popularização da ciência e o raciocínio analógico, por meio da análise funcional de metáforas e metonímias que podem ser usadas para propósitos informativos e esclarecedores assim como para criar notícias falsas e motivar narrativas conspiratórias.

**Revista Matraga | A cognição situada (BARSALOU, 1987), como todos sabemos, conjuga a percepção, a memória, a emoção e a ação. Dentre esses componentes, a emoção sempre foi negligenciada em favor de uma cognição mais orientada à razão. O que o senhor diria, para pesquisadores em formação na Linguística Cognitiva, quanto ao papel da emoção na cognição? O senhor poderia, ao longo da resposta, desenvolver o conceito de “emocionalização”?**

**A. M.:** O conceito de “emocionalização”, enquanto fenômeno discursivo, pode ser entendido como o uso enfático de figuras de linguagem como a hipérbole, o uso de lexemas altamente avaliativos, atitudinais e polêmicos, incluindo metáforas. No entanto, seus aspectos cognitivos – origem, estruturas e funções conceptuais e neurofisiológicas – ainda são pouco entendidos. Muito menos se sabe ainda sobre a influência da emoção na cognição na emergência de significados. Aqui está uma das áreas-chave para pesquisas futuras sobre a cognição.

**Revista Matraga | Um outro tópico que gostaríamos de abordar é “reversão metafórica”. Com base em seu artigo (2022), a erosão da confiança na comunicação oficial é causada pela retórica hiperbólica dos governos, que pode se desdobrar em teorias conspiratórias, como o senhor acabou de mencionar em resposta a uma das perguntas anteriores. Como a mente humana pode ser tão facilmente manipulada pelo discurso público?**

**A. M.:** Se o público é continuamente tratado com retórica hiperbólica, dicotomias absolutas e a assunção subliminar que ARGUMENTO É GUERRA, a vigilância discursiva, baseada no senso comum, no que tange à plausibilidade e a confiança nas declarações dos políticos, dos cientistas e da mídia se desfaz. Consequentemente, a argumentação racional, enquanto propósito comunicativo, é trombetada por sensacionalismo, reafirmação de preconceitos e valores puramente de entretenimento. Isso, me parece, não é tanto um problema de inocência cognitiva, mas sim de comportamento responsável por parte das vozes públicas, que deveriam refletir sobre as consequências de suas ações comunicativas.

**Revista Matraga | Qual é a sua opinião sobre a Análise Crítica da Metáfora (ACM)? O senhor acha que esse jovem paradigma poderia se beneficiar da Teoria da Integração Conceptual?**

**A. M.:** A Análise Crítica da Metáfora, proposta por Jonathan Charteris-Black<sup>3</sup>, já tem tido uma enorme influência sobre a Linguística Cognitiva Aplicada nas últimas duas décadas e vem usando a Teoria da Integração Conceptual e a Mesclagem com grande sucesso analítico, especialmente na investigação de retóricas sofisticadas, com espaços de *input* múltiplos ou que en-

<sup>3</sup> CHARTERIS-BLACK, J. *Corpus approaches to critical metaphor analysis*. London: Palgrave Macmillan, 2004. Disponível em: <<https://doi.org/10.1057/9780230000612>>. Acesso em: 03 abr. 2023.



volvam raciocínio contrafactual. Uma das questões mais instigantes para o seu desenvolvimento futuro é a testagem experimental das hipóteses relativas à compreensão das metáforas, ou seja, a operacionalização qualitativa e quantitativa dos fenômenos averiguados, a replicabilidade desses experimentos e o escrutínio crítico de suas premissas metodológicas.

### **Revista Matraga | Professor Musolff, o senhor é fluente em várias línguas. O senhor acha que esse fato pode ter influenciado o seu entendimento sobre a construção do significado e a comunicação intercultural?**

**A. M.:** Todos nós que aprendemos e/ou usamos várias línguas encontramos expressões idiomáticas, falso cognatos e vários padrões de organização léxico-gramatical aparentemente intraduzíveis, que nos forçam a repensar o que queremos dizer. Mesmo em contextos em que uma *língua franca* supostamente internacional (por exemplo, o inglês como língua estrangeira) é usada, tais divergências são onipresentes. *Per se*, não representam um problema linguístico ou cognitivo; pelo contrário, abrem espaço para *insights* que nos inspiram a perceber os aspectos criativos da diversidade cultural e da comunicação intercultural. Somente se tornam um ‘problema’ se, devido às pressões ideológicas e econômicas, o multilinguismo, a transferência linguística e o discurso intercultural forem desvalorizados, menosprezados ou considerados meras questões técnicas no fluxo da informação.

### **Revista Matraga | Para fechar a nossa conversa, que tópicos o senhor gostaria de ver incluídos na agenda de pesquisa da Linguística Cognitiva?**

**A. M.:** Como já falei, vejo a Linguística Cognitiva como um campo de pesquisa dinâmico, engajado em uma gama de abordagens ‘aplicadas’ da linguística, tais como a Pragmática, os Estudos do Discurso, a Estilística, a Socio e a Psicolinguística, os Estudos da Emoção, a Análise Contrastiva de Discurso e a Comunicação Intercultural. Desse modo, o seu *insight* central sobre a estrutura cognitiva e o funcionamento da linguagem pode se tornar socialmente relevante e reverter tendências anti-humanistas em nossa sociedade, que maculam a comunicação racional e a diversidade cultural como se fossem interesses supérfluos ou hierarquicamente inferiores aos interesses políticos e econômicos.

*Tradução de Tânia Gastão Saliés  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)*

## **REFERÊNCIAS**

BARSALOU, L. Grounded cognition. **Annual Review of Psychology**. v. 59, p.617-645, 1987. Disponível em: <<https://doi.org/10.1146/annurev.psych.59.103006.093639>>. Acesso em: 15 set. 2021.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. Rethinking metaphor. *In*: GIBBS, R. (Ed.). **Cambridge Handbook of Metaphor and Thought**. New York: Cambridge University Press, 2018, p. 53-66.



HYMES, D. Models of the interaction of language and social life. *In*: GUMPERZ, J.J.; HYMES, D. (Eds). **Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication**. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1972, p. 35-71.

MUSOLFF, A. et al. (Eds.). **Pandemic and crisis discourse: Communicating COVID-19 and public health strategy**. London: Bloomsbury, 2022.

MUSOLFF, A. “World-beating” pandemic responses: ironical, sarcastic, and satirical use of war and competition metaphors in the context of COVID-19 pandemic. **Metaphor and Symbol**. v. 37, n.2, p. 76-87, 2022.

MUSOLFF, A. Hyperbole and emotionalization: escalation of pragmatic effects of proverb and metaphor in the “Brexit” debate. **Russian Journal of Linguistics**. v. 25, n. 3, p. 628-644, 2021a.

MUSOLFF, A. Researching political metaphor cross-culturally: English, Hungarian, Greek and Turkish L1-based interpretations of the Nation as Body metaphor. **Journal of Pragmatics**. v. 183, p. 121-131, 2021b.

MUSOLFF, A. How (not?) to quote a proverb: the role of figurative quotations and allusions in political discourse. **Journal of Pragmatics**. v. 155, p. 135-144, 2020.

SPERBER, D; WILSON, D. **Relevance: Communication and Cognition**. Oxford: Blackwell, 1995.